

LINGUAGEM E IDEOLOGIA NO DISCURSO JORNALÍSTICO: O NOTICIÁRIO SOBRE TRANSPORTE E TRÂNSITO NO *ESTADO DE MINAS* (1955-1956 E 2005-2006)

Maria Juliana Horta Soares - UFMG

Introdução

Quais as principais mudanças ocorridas no discurso jornalístico brasileiro nos últimos 50 anos? Essa questão foi o ponto de partida para o trabalho em que analisamos as diferenças entre os anos 1955-1956 e 2005-2006 (primeiros semestres de cada ano) no discurso do jornal *Estado de Minas* (EM). Entre os aspectos selecionados para a análise estão os semânticos e os sintáticos, intradiscursivos, interdiscursivos e, ainda, simultaneamente intra e interdiscursivos.

A análise do discurso jornalístico pelo viés da Análise do Discurso (AD) interessa-nos por dois motivos principais. O primeiro deles refere-se à desmistificação da notícia e de sua aparente objetividade. Ao fazer uma análise cuidadosa do discurso jornalístico, o que a AD propicia, é possível apontar as estratégias usadas por um jornal em suas notícias para convencer e conquistar os leitores, o que corrobora a idéia de que a notícia, como qualquer outro discurso, busca persuadir e conquistar, não apenas informar.

Outra contribuição da análise linguística de discursos jornalísticos é o enfoque na relação entre o produto e o processo discursivo. Apesar de para os linguistas já ter se tornado bem frequente o estudo de textos noticiosos, as escolas de comunicação ainda tendem a trabalhar mais com teorias que estudam questões relativas à recepção ou à produção. O produto costuma ficar de lado, e mostrar que o produto jornal traz marcas do processo que o produziu, marcas essas intimamente ligadas aos efeitos que se pretende provocar no leitor, é bastante útil para entendermos melhor o funcionamento do discurso jornalístico.

Nesta pesquisa, que resultou em dissertação defendida no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da UFMG, fizemos a comparação de textos jornalísticos de um mesmo veículo midiático. Escolhemos, como base para nossa comparação, o jornal *Estado de Minas* em duas épocas distintas e relativamente distantes uma da outra: 1955-1956 e 2005-2006. O *Estado de Minas* (EM) é o jornal referência de maior circulação em MG, o que faz supor que tenha importante papel na construção da memória e da opinião dos leitores.

Na análise, concentramo-nos nos principais aspectos semânticos e sintáticos do discurso. O objetivo central de nossa pesquisa foi apontar as principais diferenças intra e interdiscursivas entre os dois grupos de notícias, para entender melhor o discurso do jornal nos dois momentos. Para isso, analisamos aspectos sintáticos (como uso de tempos verbais, escolha do discurso direto ou indireto etc.) e semânticos (principais percursos semânticos intradiscursivos; principais estratégias de persuasão, a saber: seleção lexical e seleção de personagens, relação entre explícitos e implícitos e silenciamento; e principais oposições discursivas). Por fim, relacionamos as estratégias às visadas de captação e informação, conceito de Charaudeau que trataremos no item a seguir junto com alguns outros conceitos importantes para nossa pesquisa. Depois, passaremos a exemplos das categorias estudadas, para mostrar um pouco como foi feito nosso estudo e os resultados aos quais chegamos.

2. Alguns conceitos

Para Fiorin (FIORIN,2001,p.17-18), todo discurso estrutura-se a partir de uma sintaxe e uma semântica discursivas. A primeira compreende os processos de estruturação formal de um discurso, e a segunda compreende o seu conteúdo (personagens e temas, por exemplo). Aspectos sintáticos e semânticos são separados didaticamente, mas se complementam, no nível intra e interdiscursivo. Esses dois conceitos, por sua vez, decorrem do fato de que o discurso abrange, ainda, outras “(...) duas dimensões, integradas e complementares: por um lado, o do intradiscorso, organiza-se em um conjunto, uma trajetória de sentidos que se desenvolve ao longo do texto; por outro lado, o do interdiscorso, constitui-se por contradição, por

oposição a outros discursos.” (FARIA,2001:31). Discursos relacionam-se de forma complexa e fluida, ora negando-se, ora aproximando-se, num limiar que inclui fronteiras movediças e porosas. Não há discurso que não se relacione com outros, que ocupe uma posição estanque e isolada em uma comunidade discursiva.

Outra ideia importante para nossa pesquisa vem de Charaudeau (2006). Como o autor, acreditamos que as mídias não vivem apenas de uma lógica comercial, mas também se constituem em uma maneira própria de construção da realidade:

(...) por que analisar o discurso midiático, se as mídias parecem viver uma lógica comercial onde só haveria lugar para estudos econômicos, tecnológicos ou de *marketing*? (...) É claro que a resposta é negativa para quem acredita que, para além da economia e da tecnologia, há o simbólico, essa máquina de fazer viver as comunidades sociais, que manifesta a maneira como os indivíduos, seres coletivos, regulam o sentido social ao construir sistemas de valores. (...) estudos como o que ora apresentamos se justificam sob a condição precisamente de não cair na armadilha das falsas aparências. (CHARAUDEAU,2006:17)

O teórico atribui à mídia uma dupla lógica: se por um lado há uma evidente dimensão mercadológica, por outro há, como já apontado no trecho acima, uma dimensão simbólica. Esse conceito se relaciona ao conceito bakhtiniano de reflexo e refração. Se o tempo do acontecimento e o do discurso jornalístico são diferentes (já que ainda não se consegue produzir notícias em tempo real, pois mesmo imagens feitas por câmeras digitais trazem alguma diferença mínima temporal, de transmissão), o que o jornalismo faz é reconstruir fatos, não só os reconstituindo, mas os recriando.

“Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um *signo*. (...) *A palavra é o fenômeno ideológico por excelência*. (...) A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social.” (BAKHTIN/VOLOSHINOV,1979:17-18).

Os conceitos de reflexo e refração são trazidos por Charaudeau (2006) para o discurso midiático: “Se são um espelho, as mídias não são mais do que um espelho deformante, ou mais ainda, são vários espelhos deformantes (...) [que] mostram, cada um à sua maneira, um fragmento amplificado, simplificado, estereotipado do mundo. (CHARAUDEAU,2006:20).

O autor ainda destaca que a mídia, quando se preocupa em informar, tem que fazer que os leitores acreditem em suas palavras: “*Dizer o exato* é dar a impressão de controlar o mundo no instante em que ele surge, e nada nem ninguém poderia se opor a essa verdade capturada no momento em que sai da fonte; eis por que as mídias estão sempre em busca da transmissão direta.” (CHARAUDEAU,2006:90). Por outro lado, tem que captar o maior número de destinatários, preocupando-se, por esse ângulo, com a sensação, o espetáculo, a emoção. Assim, o contrato midiático é, por natureza, contraditório, apoiado em duas finalidades: “fazer saber, que deve buscar um grau zero de espetacularização da informação (...); fazer sentir, que deve fazer escolhas estratégicas apropriadas à encenação da informação para satisfazer o princípio de emoção ao produzir efeitos de dramatização.” (Idem,92).

Em virtude de todos os aspectos decorrentes dos conceitos retomados acima, ocorrem diferenças significativas não só entre as coberturas de veículos diferentes, mas também em um mesmo veículo com o passar do tempo. Procuraremos mostrar, através de alguns exemplos, como acontece essa construção no *EM* e como ela se modificou ao longo de 50 anos.

3. Aspectos da Semântica Discursiva

3.1. Percursos semânticos

Como apontamos acima, nossa pesquisa abrangeu três categorias pertinentes à semântica discursiva: principais percursos semânticos, principais estratégias de persuasão e principais oposições discursivas.

Começando pelos principais percursos semânticos, aspecto intradiscursivo que diz respeito ao conjunto de temas desenvolvidos ao longo de todo um texto, desde o seu título, podemos encontrar percursos semelhantes nas duas épocas, o que não quer dizer que não há diferenças significativas, como mostraremos a partir da tabela a seguir:

Principais Percursos Semânticos			
1955 - 1956		2005 -2006	
Percurso	Matérias no total	Percurso	Nº de matérias
acidentes	357	acidentes	160
meios de transporte	202	meios de transporte	179
queixas, denúncias	139	queixas, denúncias	191
combustível	103	combustível	56
obras	99	obras	189
reivindicações, greves, outras manifestações	48	reivindicações, greves, outras manifestações	101
custos, tarifas, preços	30	custos, tarifas, preços	64
política, legislação	26	política, legislação	144
-	-	outros aspectos (turismo, consumo, tráfego, segurança, comportamento,saúde etc.)	486

Podemos ver na tabela que os dois períodos mantiveram os mesmos três percursos figurativos como mais frequentes: meios de transporte; acidentes; queixas e denúncias. São, portanto, assuntos de grande produtividade na temática trânsito e transportes das duas décadas, provavelmente pelo apelo que têm junto aos leitores. Quanto ao percurso das denúncias e queixas, é interessante perceber que o número de matérias com caráter denunciativo não aumentou significativamente. Logo, apesar de o *EM*, como tantos outros jornais, querer parecer mais combativo na atualidade, já que esse parece ser um papel da mídia bem reforçado nos dias de hoje, não há aumento desse tipo de texto jornalístico em suas páginas.

Apesar dessa semelhança, podemos ver o desaparecimento de alguns temas. O transporte sobre trilhos é um deles, já que houve uma diminuição considerável no uso do transporte ferroviário, principalmente de passageiros, mas também de carga, e transportes como bonde foram quase abolidos (com algumas exceções, como de passeios turísticos). Por outro lado, temas como comportamento e saúde, trazendo dicas e recomendações aos leitores, são comuns nos jornais de 2005-2006 e não existiam em 1955-1956.

3.2. Seleção de personagens e seleção lexical

Passando às estratégias de persuasão, podemos ver mudanças importantes nas seleções de personagens e lexical. Em 1955 e 1956, apenas personalidades de destaque eram convocados a falar, entre eles políticos e ocupantes de cargos públicos. A credibilidade ficava a cargo dessas fontes consultadas, que eram reproduzidas fielmente nos textos, como nos mostram os termos grifados por nós da matéria “Dramático acidente”, de 24/05/1956: “sofreu traumatismo cranio-encefálico, com fratura exposta do parietal”. Em relação ao léxico, era comum à época o uso de vocábulos dramáticos, exagerados. “Locomotiva matou a velhinha surda”, de 07/06/1956, e “Criancinha esmagada por um caminhão”, de 23/05/1956 são só alguns dos vários exemplos que encontramos.

Em 2005-2006, as matérias procuram sempre ilustrar o que nelas é divulgado com pessoas diretamente envolvidas na situação, o que atualmente é chamado no jornalismo de “personagem”. Assim, populares também têm espaço em matérias, seja para dar um testemunho de fato ocorrido ou para ilustrá-lo. Na seleção lexical, numerais, gráficos e tabelas são usados não apenas para resumir informações, mas para, por

exemplo, fazer projeções. É o que acontece em “Qualificação eleva despesa” (29/05/2005), que apresenta gráficos projetando como ficaria o Imposto de Renda (IR) caso fosse permitida a dedução dos custos para trabalhar (roupas, calçados, cursos, transporte etc.).

Nos exemplos a seguir podemos ver claramente essas diferenças. Em “Um morto e dois feridos num choque de veículos” (31/01/1956) temos a descrição do acidente sem testemunho dos envolvidos, personagens comuns que não são ouvidos ou procurados: “Um jovem morreu e dois outros ficaram feridos em grave acidente de trânsito (*sic*) verificado à noite na estrada dos Borges, à à (*sic*) altura do quilometro 12. A caminhonete de placa 7-15-84, dirigida por José Rocha Silveira (...)” Já em “Atropelamento faz três vítimas sobre a calçada” (10/01/2005), os envolvidos são ouvidos, como mostra o trecho: “Segundo o taxista, ele perdeu o controle do carro depois que foi atingido na lateral (...): ‘Foi tudo muito rápido e não deu para evitar o atropelamento, já que meu carro foi jogado em direção ao ponto de ônibus’, contou José Luiz”.

3.3. Silenciamento e relação entre explícitos e implícitos

Passando ao silenciamento, outra estratégia persuasiva, como pudemos ver na seleção de personagens, em 1955 e 1956 o discurso jornalístico do *EM* pretere cidadãos comuns. O discurso da oposição também é abafado e obras e benfeitorias dos governos municipal, estadual e federal não são questionadas. Em 2005-2006, o jornal continua a calar a oposição. No percurso semântico das obras, a construção da Linha Verde, obra do governo estadual de melhoria do acesso ao aeroporto de Confins, em Belo Horizonte, é “adotada” pelo jornal como grande solucionadora de problemas de tráfego na capital. Não há matérias que questionem qualquer aspecto relativo a essas obras. A exceção nos dois períodos parece ser o percurso semântico figurativo das queixas e denúncias, que, como mostramos, não teve aumento significativo de uma época para outra.

Em relação aos aspectos explícitos contrapondo-se aos implícitos, o discurso jornalístico faz referência explícita a um tema ou figura semântica, mas cabe ao leitor estabelecer as ligações entre este (o dito) e os desdobramentos dele, que ficam implícitos - subentendidos ou pressupostos. Nesse aspecto não foi possível ver uma mudança clara entre as duas épocas, já que implícitos são inerentes a todo discurso. Como exemplo, é possível ver que em 1955-1956 a quantidade de matérias que trazem obras envolvendo figuras semânticas rodoviárias é bem maior que demais meios. Fica implícita a prioridade dada a esse meio pelo governo da época. Já em 2005-2006, podemos ver, por exemplo, no percurso das manifestações uma discordância implícita do *EM*. Em “Paralisações continuam” (31/03/2005), ao tomar o depoimento do bombeiro hidráulico Lourival de Souza e afirmar que ele fora “obrigado a faltar o trabalho” a matéria deixa implícito que quem o “obrigou” a faltar foram os rodoviários, que estavam à frente das reivindicações, sendo a paralisação, nesse caso, tomada em aspecto negativo.

3.4. Oposições discursivas

As oposições discursivas foram a última estratégia por nós analisada. Esse conceito diz respeito ao fato de, como afirmamos anteriormente, não existirem discursos isolados. Discursos opõem-se ou encontram-se, completam-se ou distanciam-se. Não há discurso que não se relacione com outros e mesmo que um discurso defenda determinada ideologia, traz em si fragmentos de outros discursos, seja a favor dela, seja contra.

No discurso do *EM* pudemos ver uma tomada de posição muitas vezes clara do jornal. Se em poucas denúncias e artigos o discurso jornalístico trouxe críticas ao governo, na grande maioria das matérias cobriu-o de elogios, principalmente o governo de Juscelino Kubitschek. De uma maneira ou de outra, dois principais discursos afloravam: o discurso governista e o discurso antigovernista, ou oposicionista. O primeiro, hegemônico, predominante, apontava os méritos do governo, enquanto o segundo, na maioria das vezes implícito ou silenciado, questionava falhas e cobrava ações.

As principais oposições que encontramos foram: /progresso/ x /atraso/; /mais poderosos/ x /menos poderosos/; /denúncia/ x /conformismo/. Na primeira, /progresso/ x /atraso/, foi possível ver que o jornal publica denúncias, mas em quantidade bem menor do que a publicação de “feitos” dos governos. Na década

de 50, são vários os exemplos, entre eles “Trabalho intensivo e arrojado da Petrobrás na Bahia”, de 26/06/1956, extremamente elogiosa ao governo JK. Em 2005-2006, “Confins sem susto” (14/03/2005) e “Confins passa no teste” (15/03/2005) são matérias que abordaram somente aspectos positivos da mudança da maioria dos vôos em Belo Horizonte para o aeroporto de Confins. O discurso do *EM* não chegou a discutir os aspectos desfavoráveis (e queixas de usuários e de comerciantes, que devem ter sido muitas) ou mesmo a questionar tal mudança.

Na segunda oposição, /mais poderosos/ x /menos poderosos/, percebemos principalmente duas contraposições: empresários dos meios de transporte x usuários ou empresários x trabalhadores. Em 1955-1956, o jornal elege como “legítimo” o discurso patronal. É o que comprova “Entraram em greve pilotos da Panair”, de 16/01/1955, que traz nota-oficial da Panair na íntegra, mas não dá aos pilotos chance de se explicarem. Em 2005-2006, apesar de escutar os dois lados, parece continuar a haver uma tendência do *EM* a priorizar o discurso patronal. Foi o que pudemos perceber, por exemplo, em “Paralisações continuam” (31/03/2005), matéria que dá espaço ao Sintram (Sindicato das Empresas de Transporte Metropolitano) e a seus dirigentes, mas apenas cita o Sindicato dos Rodoviários. A esses personagens não é dada a chance de se defender.

A terceira oposição, /denúncia/ x /conformismo/, parece ser mesmo uma exceção ao posicionamento predominantemente governista no discurso do *EM*, encontrando espaço no percurso semântico figurativo das queixas e denúncias. Em 1955-1956, lemos matérias como “O Brasil coleciona desertos por falta de transportes” (21/03/1956), “Duas obras morosas” (25/02/1956) e “Velho abuso sempre renovado” (07/03/1956), que criticam abertamente governantes e atitudes por eles tomadas (ou não tomadas). Em 2005-2006, matérias como “A longa agonia da RFFSA” (19/01/2005) e “Frota tem reforço de luxo” (09/02/2005) denunciam, respectivamente, o abandono das estradas de ferro no país e a contratação desnecessária de carros de luxo para o serviço público.

3.5. Credibilidade e captação

Por fim, as categorias de credibilidade e captação, diretamente ligadas às estratégias persuasivas que analisamos. Em 1955-1956, a captação ou sedução do leitor acontece através do uso de vocábulos apelativos, dramáticos. É o que acontece em “Caminhonete em disparada matou uma linda criança”, de 11/01/1955, “Locomotiva matou a velhinha surda”, de 07/06/1956, e “Criancinha esmagada por um caminhão”, de 23/05/1956. A credibilidade fica a cargo de depoimentos de personagens considerados importantes, como já tratamos na seleção lexical.

Em 2005-2006, como vimos, personagens comuns, usados para ilustrar as matérias, não só as tornam mais críveis aos olhos do leitor, como o sensibilizam, contribuindo, pois, para a captação. O discurso do *EM* continua selecionando termos chamativos, como “Saldo trágico nas estradas de Minas”, de 23/04/2005, e “Tragédia no fim das férias”, de 13/02/2006. No entanto passa a selecionar também termos mais lúdicos, como na matéria “Dez micos no trânsito” (31/05/2006): “Enfiar a cabeça no buraco (...). Pagar mico no trânsito nunca é agradável. Veja as mancadas que fazem o condutor virar motivo de chacota”. A credibilidade fica a cargo de depoimentos de especialistas e personagens importantes. Além disso, passa a ser recorrente o uso de numerais, gráficos e outras informações precisas, que causam efeito de veracidade.

4. Aspectos da Sintaxe Discursiva

Passando aos aspectos sintáticos e começando pela escolha de tempos verbais, em 1955-1956, na maior parte das matérias verbos são usados no pretérito perfeito, construindo uma relação estreita com os fatos que o discurso jornalístico noticiava. É o que nos mostram os exemplos “Caminhão matou um trabalhador” (30/01/1955); “A locomotiva atirou longe o agricultor” (07/02/1956); e “Caiu do caminhão” (01/03/1956), entre vários outros. Em 2005 e 2006, verbos no presente do indicativo são a grande maioria. Independente do tempo do acontecimento (passado, presente ou futuro), os verbos estabelecem uma ligação com a edição do jornal (o hoje do leitor), não com o fato ocorrido. “Cada número do jornal cria um presente.”

(MOUILLAUD, 2002, p. 176). São exemplos “Rodovias recebem R\$901 mi” (14/01/2005), “BR-381 volta a matar” (19/02/2005), “BR 262 é recuperada” (05/03/2005), “Trem atropela e mata mulher (20/06/2005), “Helicóptero cai e mata um” (23/01/2006), entre outros.

Em relação ao Discurso relatado e ao discurso citado, outro aspecto sintático analisado em nossa pesquisa, em 1955-1956 é frequente no *EM* a reprodução, em discurso direto, dos pronunciamentos de personalidades de destaque (políticos, militares, especialistas etc.). Pessoas comuns aparecem nas matérias, mas são personagens sem voz, como dissemos. Já em 2005-2006, falas longas e discursos produzidos quase sem cortes desaparecem. Os “ilustres” e os representantes da população são citados, tanto pelo uso de aspas (discurso direto), quanto por discurso indireto.

Por fim, em relação à organização formal do texto, último aspecto sintático analisado por nós, em 1955-1956 parece não haver uma organização formal dos cadernos, impressão que se desfaz quando nos tornamos familiarizados com o jornal. Apesar de não haver divisão em editoriais, assuntos de economia vêm sempre na página 2; de política na três, artigos na quatro e assim por diante. O jornal traz, na grande maioria das edições, apenas dois cadernos ou “secções”. Já em 2005-2006, há divisão formal de cada edição do *EM* em cadernos (“Economia”, “EM Cultura”, “Esportes”, “Gerais”, “Internacional”, “Nacional”, “Opinião” e “Política”, além de suplementos). Outra importante mudança é o aparecimento do lide como parágrafo de abertura (respondendo às perguntas quem, o que, quando, como, onde, por que), além do uso corriqueiro de fotografias, ilustrações, tabelas e outros recursos que ajudam a facilitar a leitura e torná-la mais agradável.

Considerações finais

Como pudemos ver em vários exemplos nas categorias que analisamos e que retomamos acima, o discurso do *EM* mostrou mudanças importantes em vários aspectos, tanto sintáticos quanto semânticos. No entanto, ao pensarmos no posicionamento ideológico do discurso jornalístico, essas mudanças pareceram-nos superficiais.

Se pensarmos na seleção lexical, por exemplo, o discurso do *EM* abriu espaço para trabalhadores, estudantes e demais cidadãos “sem poder” falarem em suas páginas na contemporaneidade, mas continua priorizando os mesmos discursos que priorizava há 50 anos. Populares ganham espaço, mas não o mesmo destaque conferido a personagens considerados mais importantes ou à situação, enquanto a oposição continua silenciada. Ouvir o outro, portanto, torna-se uma espécie de estratégia de despiste, já que o jornal confere conotações e exposições completamente diferentes a discursos opostos.

Tais considerações não podem ser aplicadas ao jornal *Estado de Minas* como veículo de comunicação. No entanto, são um forte indício para a hipótese que levantamos ao final deste estudo: as várias mudanças sofridas pelo *EM*, na temática por nós estudada em 50 anos, são pouco significativas se pensarmos que os discursos defendidos ou preteridos continuam sendo os mesmos. O jornal mudou sua forma de fazer notícia, em relação a aspectos sintáticos e semânticos, mas seu posicionamento ideológico foi mantido.

6. Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail / VOLOSHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1979 [1929].

CHARAUDEAU, Patrick. *O discurso das mídias*. Trad. Ângela M. S. Correa. São Paulo: Editora Contexto, 2006 [2005].

FARIA, Antônio A. Moreira de. “Interdiscurso e intradiscurso: da teoria à metodologia”. In: E. A. MENDES et all (org.). *O novo milênio: interfaces linguísticas e literárias*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia* 7ª ed. São Paulo: Editora Ática: 2001.

MOUILLAUD, M. PORTO, S. (Org.) *O jornal. Da forma ao sentido*. Trad. Sérgio Grossi. 2ª ed. Brasília: UNB, 2002.